

Extensão, coleta seletiva e arte: a história da comunidade reciclo contada à luz de algumas das principais telas de Cândido Portinari

DANILO BORGES DIAS¹

RESUMO

O presente artigo visa estabelecer pontos comuns entre a trajetória da comunidade de catadores de materiais recicláveis–Reciclo, parceira da Universidade Católica de Brasília em um Projeto de Extensão, com a história de alguns dos mais famosos quadros do pintor Cândido Portinari. Especificamente, este estudo está separado em dois momentos. O primeiro destina-se ao entrelace possível da aventura migratória vivida pelos membros da comunidade com a história do quadro “Os Retirantes”. O segundo momento faz conexão entre o dia a dia da coleta seletiva com a série de quadros “Ciclos Econômicos”, no qual o pintor deu destaque ao cotidiano de trabalhadores que, com as forças de seus próprios músculos, reescrevem suas histórias de vida e a história de um país, tendo como aporte de fundo a ação extensionista. Santos (2008), Fabris (1990) e Balbi (2003), entre outros, darão o aporte teórico necessário para as conexões aqui propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Coleta seletiva. Cooperativa Reciclo. História. Cândido Portinari. Extensão.

ABSTRACT

The aims in this article are to establish common points between the history of the Reciclo Community, partner at the Universidade Católica de Brasília in a social project, with the most famous paintings by Cândido Portinari. Specifically, this study is separated in two parts. The first is to connect the adventure migration of the members of Reciclo with the painting

“Os Retirantes”. The second is the connection between the lives of Reciclo cooperates, supported by the Universidade Católica de Brasília, with the paintings “Ciclos Econômicos”. Santos (2008), Fabris (1990) and Balbi (2003) will supply the necessary theoretical connections to this proposal.

KEYWORDS: Selective collection. Cooperativa Reciclo. History. Cândido Portinari. Extension.

Bourdieu (2003) defende que as produções sociais, como a ciência e a arte, são passíveis de conexões variadas e, em diversos níveis, quando analisadas dentro de um mesmo contexto. É nesse sentido que iniciamos nossa proposta, conectando ciência e arte enquanto manifestações humanas produtoras de sentido e significado para análises de realidades. O ponto de partida é conhecer a caminhada da Comunidade Reciclo, que é parceira da Universidade Católica de Brasília em um projeto de extensão chamado “A Construção da Cidadania por Intermédio do Fortalecimento das Cooperativas de Materiais Recicláveis do DF”, ou simplesmente “Projeto Catadores”, que será analisado em paralelo com as principais obras do pintor Cândido Portinari, tendo as diretrizes elaboradas pela extensão como pano de fundo para a atuação da universidade com e na comunidade².

¹ Professor da Universidade Católica de Brasília e Gestor do Projeto “A Conquista da Cidadania por Intermédio do Fortalecimento das Cooperativas de Materiais Recicláveis do Distrito Federal”.

Santos (2008) destaca que, aproximadamente, cinquenta famílias tipicamente pobres³, sem formação profissional e vindas essencialmente da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, em meados dos anos de 1990, assoladas pelos mais diversos tipos de necessidades sociais, decidiram migrar para o Distrito Federal em busca de melhores condições de vida, pois lá havia rumores de que essa possibilidade, inclusive a probabilidade de aquisição de um terreno cedido pelo governo do Distrito Federal, eram factíveis e realizáveis, favorecendo uma nova realidade com vistas também a um futuro com mais esperança, principalmente para as novas gerações. Até então não há nenhuma novidade nesse percurso, pois essa é a história de muitos outros migrantes que também se destinaram para o Planalto Central em busca de um recomeço de caminhada com melhores condições sociais.

No entanto, o desvio na caminhada é que, na “terra prometida”, as dificuldades e obstáculos se apresentariam muito mais desafiadores do que se imaginava e as resoluções das principais angústias sociais nem tão automáticas quanto se previam. Com isso, momentos de mendicância, situações de rua e indigência se tornavam a regra, uma constância na vida daquelas pessoas que, naquele momento, passaram a se reunir e a compartilhar de uma mesma realidade com problemas e esperanças comuns⁴. Burszty (2000, p.3), a esse respeito, chama atenção afirmando que:

O momento atual reflete uma situação particular, vista dentro do contexto histórico dentro das últimas décadas. Passado um período florescente, em que houve um marcante avanço no sentido da agregação de novos contingentes de população ao processo

³ A partir de agora, nós nos referiremos a esse Projeto de Extensão somente como “Projeto Catadores”.

³ Neste breve estudo não nos ateremos às raízes ou estudaremos exaustivamente o conceito de pobreza. Sabemos que há várias definições dentro das ciências sociais (e aplicadas) para o termo em questão. No entanto, de maneira simples e breve, usaremos o pensamento de Bajoit (2006) que, grosso modo, define como uma questão que não é unidimensional, mas que pode ser entendida, em um aspecto amplo, como a situação de não capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos ter acesso aos bens e patamar de satisfação social a qual outros têm acesso. Vale destacar que o conceito de indigência, ou extrema pobreza, que são perceptíveis nessas populações, inclusive a da Comunidade em questão, são escalas ainda mais acentuadas e danosas.

⁴ Merece destaque o fato de que, na cronologia dos fatos em questão, as políticas sociais do Distrito Federal passavam por restrições, principalmente na questão dos loteamentos para pessoas que não tinham um histórico específico na capital do país.

“**Com isso, momentos de mendicância, situações de rua e indigência se tornavam a regra, uma constância na vida daquelas pessoas que, naquele momento, passaram a se reunir e a compartilhar de uma mesma realidade com problemas e esperanças comuns.**”

de distribuição do progresso econômico, presenciamos hoje uma desconcertante degradação das condições de vida de uma boa parcela da sociedade, mesmo em países onde já se imaginava que a pobreza extrema estivesse debelada.

É nessa ocasião que podemos iniciar os entrelaces aqui planejados, dando destaque à obra do pintor Cândido Portinari (1903-1962)⁵, que dedicou boa parte de suas preocupações artísticas em retratar pessoas simples como essas famílias que, anos mais tardes, tornar-se-iam os cooperados da Comunidade Reciclo⁶. A obra “Os Retirantes” abre um leque adequado para se fazer uma alusão e composição com a história dos membros do grupo em destaque⁷. Balbi (2003) afirma

⁵ A partir de agora, nós nos reportaremos ao artista somente como Portinari.

⁶ Portinari nasceu no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Brodóski (ou Brodowsky) no qual viveu toda sua infância e parte da adolescência. Fabris (1990) destaca que o filho de migrantes italianos extraiu das lembranças de infância na cidade natal a inspiração para a realização de muitos trabalhos que se consagrariam tempos depois. Dentre eles, destaca a autora, “Os Retirantes” é, sem dúvida, um dos marcos na carreira do jovem interiorano.

⁷ Vale ressaltar que durante toda sua carreira, o tema do retirante não ocupou uma única tela, mas sim três séries em três momentos diferentes. Balbi (2003) ressalta que a primeira surgiu em 1936, a segunda em 1944 e a terceira e última em 1958. Ressaltamos que todas as três têm potencial para a análise a qual nos propomos nesse ensaio. No entanto, nós nos apegaremos exclusivamente, e também por questões metodológicas, ao trabalho de 1944.

que a tela em questão abre espaço para demonstrar, na visão de Portinari, a dor das pessoas que, desde o início do século XX, viam-se forçadas a deixar suas terras, não por coincidência também no norte e nordeste do país e rumarem para o sudeste, chegando, principalmente em São Paulo, para o trabalho nas lavouras de café. A autora destaca ainda que, durante a viagem, que

“ Apesar de a perspectiva temporal ser diferente e o destino não ser mais o sudeste, mas, em muitos casos, o centro-oeste brasileiro, é nesse ponto que percebemos as potencialidades de imbricações entre os retirantes do pintor com os retirantes daquele grupo que se destinava para o DF. ”

muitas vezes era feita a pé por famílias e mais famílias, alguns acampamentos eram “levantados” em cidades que se localizavam como passagem para a chegada nessas lavouras e, coincidentemente, a de Brodóski era uma delas⁸. E complementa:

Portinari, irmãos e amigos, todos ainda crianças, visitavam os acampamentos em que se encontravam as famílias. Demoravam-se em conversas com os mais idosos e, também, com seus filhos – crianças de ventre grande, devido às águas poluídas, aos alimentos tóxicos e às doenças correntes. Anos mais tarde essas imagens serviriam para a composição dos quadros que destacavam as famílias que caminhavam descalças pela terra seca, cheia de ossos pelo chão, lembrança dos mortos que ficaram pela estrada. Olhos

⁸ Para fins de unificação, daqui por diante, nós nos referiremos à cidade do pintor com a grafia “abrasileirada”.

desesperados perplexos seguem o caminho, todos juntos. Uma mulher apreensiva segura um bebê em um braço, enquanto a outra mão equilibra a trouxa de roupas sobre a cabeça. O pai, de olhos assustados de sofrimento, dá a mão a um menino e, com a outra, carrega também o seu fardo. Uma terceira criança tem uma enorme barriga de doenças e vermes. Um velho sulcado pela dor carrega seu cajado feito um profeta da miséria, talvez para proteger a família dos urubus que rondam suas cabeças, famintos como eles. A família é o retrato da penúria que assusta e mata (BALBI, 2003, p.48-49)⁹.

Acerca ainda de “Os Retirantes”, Fabris (1990, p.58-70) destaca que:

Portinari grita desesperadamente contra a miséria, faz de suas telas uma tribuna aberta, declarada. O retirante torna-se um símbolo universal do Homem, vítima da guerra, da miséria. Uma vítima que, no entanto, não perdeu sua grandeza, pois sua força está ainda concentrada nas mãos espalmadas, nos punhos cerrados. A deformação é franca, corrosiva: a figura parece desarticular-se, o rosto transforma-se em uma máscara, como se algo o corroesse por dentro... Esse grito de dor do pintor parece não ter limites, pois com o pincel o homem-pintor deforma, desarticula suas figuras, transforma-as em gigantescos seres emblemáticos de gestos amplos e poderosos. Ao homem, impotente diante da dor, restam as lágrimas. Lágrimas petrificadas e mãos levantadas num gesto de súplica ou maldição¹⁰.

⁹ Vale o registro que, na primeira metade do século XX, no Brasil, as artes em geral e a literatura se encarregaram amiúde de retratar a saga de migrantes que fugiam das grandes secas e das grandes estiagens, provocadoras de sofrimento, fome e morte. O trabalho de Portinari, com “Os Retirantes”, é considerado a versão pictórica da obra literária de seu contemporâneo e com quem manteve contato, Graciliano Ramos, autor de “Vidas Secas”. Outros paralelos são, da mesma forma, possíveis com outros autores, como Rachel de Queiroz em “O Quinze” e, ainda, José Américo de Almeida em com “A Bagaceira”.

¹⁰ Quando a autora se reporta ao “grito contra a guerra”, lembremos que no ano de produção de “Os Retirantes”, 1944, terminava oficialmente a Segunda Guerra Mundial, que se iniciara cinco anos antes em 1939. Para Giunta (2005), a realidade do quadro pode ser aplicada aos refugiados, frutos da beligerância europeia ainda na primeira metade do século XX. “Guernica”, de Picasso, produzido um pouco antes, retratando os horrores da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), serviu de inspiração para o brasileiro de Brodóski.

À guisa de ilustração, trazemos a pesquisa de Santos (2008), a qual dá espaço para a fala de mais uma catadora, que chamaremos de Cooperada A:¹¹

Não tínhamos escolha e saímos. Saímos das mediações de Salvador (BA) e viemos para Brasília. A gente trabalhava lá era de vender pipoca em uma parada de ônibus. Também vendia laranja. Essas coisinhas assim, sabe?! Esse era o nosso “ganha-pão” em Salvador. Mas cada vez mais o trabalho ficava difícil e precisamos buscar outro lugar e, daí, chegamos em Brasília. Nosso primeiro lugar de “moradia” foi embaixo de uns eucaliptos em Taguatinga Centro. Chegamos lá e fizemos uma cabaninha de plástico para dormir. Sei que foi passando o tempo e decidimos ir morar em Santo Antônio (do Descoberto) e, em seguida, viemos para a invasão (Pistão Sul). Nas primeiras noites eu só chorava, mas precisamos dar continuidade à vida e começamos a catar latinhas.

“
**É nessa ocasião que os
nossos “retirantes do século
XXI”, parafraseados por
Portinari em sua tela de 1944
como sujeitos esqueléticos e
macilentos, assumem um
novo papel de trabalhadores
que, com o suor do próprio
rosto e com as peculiaridades
de um fazer laboral
estritamente vinculado
à força física, constroem
novas vidas e, quem sabe,
também um novo país.**

”

¹¹ Apesar do nosso estudo se valer de fontes secundárias, preferimos, por escolhas e motivos éticos e metodológicos, optar em deixar anônimos os nomes e identidades dos cooperados que participaram da pesquisa de Santos (2008). No trabalho de Santos há os detalhes dos entrevistados.

Fabris (1990, p.109), da mesma forma, colabora nas assertivas e influência das experiências vividas na infância e na adolescência do pintor: a figura do retirante representa para Portinari uma reminiscência dos tempos de infância, pois todo ano, “[...] movidos pela seca, apareciam em Brodósqui grupos maltrapilhos e rotos, de trouxa na cabeça, ventre bojudo e pés disformes”. Apesar de a perspectiva temporal ser diferente e o destino não ser mais o sudeste, mas, em muitos casos, o centro-oeste brasileiro, é nesse ponto que percebemos as potencialidades de imbricações entre os retirantes do pintor com os retirantes daquele grupo que se destinava para o DF. O trabalho de Santos (2008) nos oferece sólidos caminhos para fazer tal entrelace, principalmente quando a autora entrevista as pessoas daquela comunidade. A possível imbricação destacada por Bourdieu (2003) revela-se na fala do Cooperado B:

Todo mundo sabe que o Pernambuco é um Estado muito pobre. Essa migração do “nortista” em geral para Brasília ela só tem uma explicação: a vida para o pobre lá é muito difícil. O emprego era difícil, pois trabalhávamos de diaristas nas roças dos outros. Meu pai nasceu, se criou e morreu trabalhando em roça e percebi que eu e minha família seguíamos o mesmo rumo. Era muito difícil sobreviver. Eu passei muita fome e essa fome foi com que fez com que eu decidisse sair de lá.

Com o passar do tempo e com um grupo em termos numéricos relativamente definido, o reconhecimento como uma unidade de fato começava a se cristalizar. A situação de indigência e mendicância prevalecia; mas, mesmo assim, a opção pela coleta seletiva, principalmente de latas de refrigerante e cerveja, já começava a despontar como uma opção viável e guiada pela esperança (DIAS, 2011). Aqueles migrantes retratados por Portinari, provavelmente fadados à morte, na vida real e, quem sabe, representados pelos seus conterrâneos que se destinaram para o DF, preparavam-se para escrever um novo capítulo em sua história, uma história na qual a coleta seletiva e organizada poderia ser uma saída da mendicância e a possibilidade de se ter esperança em dias melhores. Dessa forma, em 2006, aquelas

pessoas passavam de um amontoado mais ou menos disperso ao patamar de uma comunidade autotizada "Comunidade Reciclo".¹²

No ano de 2006, como destaca Santos (2008), a Comunidade Reciclo decidiu fundar a Cooperativa Reciclo, com vistas à otimização de processos na coleta seletiva e pleito por direitos sociais. Acerca disso, Stroh e Santos (2009) explicam que o processo de modernização retardatária dos países periféricos trouxe o aumento cada vez maior da produção do consumo e do descarte. Com isso, continuam as autoras, se de um lado ocorreu uma maior pujança econômica, de outro, há o recrudescimento da exclusão social nesses países, como o Brasil, que levou um número cada vez maior de pessoas a buscar sua sobrevivência na catação de materiais recicláveis, nas ruas das cidades e depósitos municipais de lixo urbano, conhecidos como lixões. As autoras complementam e finalizam que há duas modalidades básicas nas quais essa catação ocorre: de maneira individual / avulsa ou por intermédio da formação de cooperativas de coleta seletiva. É nessa segunda modalidade que se enquadram os nossos catadores da Reciclo.¹³

Durante esse processo, a Universidade Católica de Brasília, por intermédio do curso de Serviço Social e com o apoio do Fórum de Lixo e Cidadania, iniciou uma caminhada com aquela comunidade que despontava no cenário da cidade de Taguatinga e que tinha como endereço uma invasão no Pistão Sul, nos fundos de um supermercado multinacional (EXTENSÃO – UCB 1, 2011)¹⁴. Dessa forma, na Pró-Reitoria de Extensão da UCB, nasceu o Projeto Catadores que, ancorado pelas Diretrizes de Extensão, atuando indissociavelmente com o ensino e a pesquisa, visava dialogar com a Comunidade Reciclo alternativas de melhores

condições de Para tanto, o eixo transversal que garante tal processo indissociável se torna o trato com o conhecimento, que implica em considerar o sujeito, o processo e seu resultado (EXTENSÃO – UCB 2, 2009). De forma a colaborar e complementar com a última ideia, damos destaque a Rocha (2001) que entende esse processo indissociável, como também uma forma de a Extensão atuar como um agente mediador das trocas entre os saberes científicos e populares.

Dessa maneira, com os esforços dos próprios ex-moradores de rua, aliados ao relativo apoio de entidades como a UCB, o destino começou a tomar uma nova direção, fazendo emergir dentro de um amontoado humano a Comunidade Reciclo e, posteriormente, como um sinal de ainda maior organização, a Cooperativa Reciclo, formalmente instituída perante o Poder Público¹⁵. É nessa ocasião que os nossos "retirantes do século XXI", parafraseados por Portinari em sua tela de 1944 como sujeitos esqueléticos e macilentos, assumem um novo papel de trabalhadores que, com o suor do próprio rosto e com as peculiaridades de um fazer laboral estreitamente vinculado à força física, constroem novas vidas e, quem sabe, também um novo país. Tudo isso, agregado ao sonho de uma sociedade mais justa e mais consciente acerca também da valorização e respeito a todas as profissões, sejam elas quais forem. Podemos perceber isso, uma vez mais, na fala do Cooperado A inserido no trabalho de Santos (2008):

Hoje, apesar de todos os pesares, trabalhando com a reciclagem, não falta o pão de cada dia para mim e para meus filhos. Eu só esperava é que as pessoas tivessem mais consciência que esse aqui é um trabalho como outro qualquer e, muitas das vezes (sic.), com um significado mais importante para a sociedade, pois se as pessoas só sujassem e não tivesse eu e os

¹² Por "comunidade", usaremos a definição de Bauman (2003) que assinala como o lugar onde todos se entendem minimamente bem e podem confiar uns nos outros, podem confiar no que ouvem, sentem-se minimamente seguros e não se deseja má-sorte entre os seus membros. Na comunidade não se encontra necessariamente um universo idílico e livre de problemas. Mas se eles existem, são para que dentro do grupo se encontrem soluções negociadas e minimamente consensuais.

¹³ Melo-Filho destaca que o contexto da coleta seletiva no DF é complexo e as dificuldades de gestão e articulação entre o Poder Público, moradores e catadores remontam à criação da cidade.

¹⁴ Durante esse processo, o próprio Fórum de Lixo e Cidadania, entidade ligada ao movimento dos catadores do DF, indicou aquela comunidade para que ela fizesse parte de uma iniciativa piloto com a UCB.

¹⁵ Geralmente os dois conceitos são usados sem a separação devida. A Comunidade Reciclo é composta por, aproximadamente, duzentas pessoas, entre homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, inválidos etc. Já a Cooperativa Reciclo é composta por adultos, a maioria de mulheres, como destacam Prado, Moraes, Pinho et. al. (2009), que atuam diretamente na coleta seletiva. A criação da cooperativa surgiu, ainda, como uma estratégia dos catadores terem melhores condições de reivindicar direitos sociais negados ao grupo. Ou seja, a partir daquela ocasião, não seria mais o pleito de um indivíduo isolado, mas o pleito de um grupo organizado, de uma comunidade sistêmica.

outros catadores para limpar, imaginem como não estariam as cidades por aí?! As coisas sem nós estariam muito mais difíceis. É por isso que nosso trabalho é digno e merece respeito¹⁶.

Ainda acerca da nova etapa da formação da cooperativa, a Cooperada B, citada no estudo de Santos (2008), destaca que:

Com o passar do tempo, e com a ajuda dos nossos apoiadores, percebemos que trabalhar de maneira solidária e cooperativa poderia

ser melhor para todos nós. Entendemos que se um ajudasse o outro seria melhor para todos. Dessa forma, o “bolo cresceria” e seria repartido entre todos.

Dessa forma, a nova etapa da vida dos cooperados, que tem como base o trabalho ainda parcialmente organizado, encontra no elemento laboral o elo de manutenção da sobrevivência não somente financeira, mas também solidária entre as pessoas. É nesse momento que achamos oportuno retomar as preocupações de Portinari em inúmeras outras obras, como as dos Ciclos Econômicos (“Cana-de- Açúcar”, “Pau-Brasil”, “Gado”, “Ouro”, “Fumo”, “Algodão”, “Erva-Mate”, “Café”, “Cacau”, “Ferro”, “Borracha” e, anos mais a frente, em 1943, “Carnaúba”), todos, com exceção deste último, datados de 1936.¹⁷ Neles, trabalhadores simples e humildes, mas fortes, com mãos e pés enormes e com traços indígenas e negros, despontavam como os elementos centrais de um modelo de trabalhador que constrói o país.¹⁸ O próprio Portinari (apud Balbi, 2003, p.37-38) declarou que: “[...] impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas, com montes e vales, vincos como rios”.

Essa tendência, como destaca a autora, iniciou-se em 1930, quando o pintor, ao retornar de um período de estudos na Europa, decidiu concentrar seus esforços e preocupações em retratar o trabalhador brasileiro e sua realidade destacados em primeiro plano,

“ Nela se percebem, da mesma forma, as “imagens migratórias” de homens e mulheres, como os da Reciclo, que extraem dessa prática cooperativada seu sustento material e o esboço para, quem sabe, uma nova e mais solidária maneira de encarar os processos de produção dentro do Capital, na tentativa, ainda, de retratar um país mais justo e não tão desigual. ”

¹⁶ Nesse momento, houve um salto marcante na vida daquela comunidade: a saída da invasão e a chegada às casas conquistadas durante um processo de inúmeras negociações com o Poder Público e com a Caixa Econômica Federal, mediados também pela UCB. Tratava-se da chegada de uma nova realidade, na qual as cinquenta famílias começavam a participar não mais como totais excluídos dos processos sociais, pois, naquela ocasião, todos passariam a ter, inclusive, um teto e um endereço, com os benefícios e as responsabilidades que isso traz. Com isso, o que queremos dizer não é que todos os problemas daquela comunidade estariam resolvidos, como em um passe de mágica. Mas sim que houve uma mudança significativa de realidade e, se algumas preocupações já não eram tão latentes, outras se apresentariam desafiadoras daquele momento em diante. Para maiores detalhes, procurar o trabalho de Santos (2008) e demais Trabalhos de Conclusão de Curso realizados nos âmbitos das graduações de Serviço Social e de Comunicação Social.

¹⁷ Acreditamos que os ciclos citados são autoexplicativos e não nos lançaremos na tentativa de esmiuçá-los. O que vale informar é que, em todos eles, os traços do homem trabalhador são exaltados e ressaltados em destaque, promovendo um intrínseco relacionamento de mãos, pés e lábios enormes durante o laboro estritamente físico e ligado à terra.

¹⁸ Apesar da cronologia dos quadros estar invertida com a história dos cooperados da Reciclo, acreditamos que isso não influi na perspectiva de análise aqui proposta, pois “Os Retirantes” data de 1944, já os afrescos dos Ciclos Econômicos datam de 1936 e foram encomendados à época, de acordo com Balbi (2003) e Fabris (1990), pelo Ministério da Educação e Saúde, naquela ocasião. Há, inclusive, um debate político, ideológico e partidário no qual a vida e obra de Portinari estão envolvidas. O estigma de “Pintor Oficial” do governo Vargas (ou “Pintor Getulista”) está no cerne dessa questão. Outros traços polêmicos envolvendo posturas de mesma gênese recaem sobre o pintor quanto à sua postura comunista, teoricamente contraditória à ideologia do governo de Getúlio Vargas. Para maiores detalhes, consultar as obras das autoras citadas, também da de Giunta (2005), que nos oferece uma visão argentina da obra do brasileiro.

revelando, da mesma forma, um intuito humanista de “revelar” a grandeza e a importância do homem na construção de um país. O trabalho de abertura foi “Café” (1935), que antecedeu tantos outros de mesma característica, como o do mesmo ano – “Colona” (1935) e a própria série em destaque.¹⁹ Uma curiosidade é que

braços de homens e mulheres... com pés e mãos enormes, trabalhando em uma terra vermelha. São trabalhadores negros e com músculos desenvolvidos pela lida no campo.²⁰

“

Na arte, na ciência e na vida existem percursos a serem trilhados. Portinari fez suas escolhas, os catadores da Reciclo, as suas; e a UCB, da mesma forma, também elegeu seus caminhos. O que há de comum em todos eles: o protagonismo humano e a busca por justiça social.

”

o quadro “Colona” se trata de um detalhe do quadro “Café”. Ou seja, a imagem da colona, retratada em um único quadro, pode ser vista como parte de uma pintura mais ampla e complexa, que é o afresco “Café”, demonstrando como o segundo serviu de base para o primeiro. Ainda para a autora (2003, p.42):

A série Ciclos Econômicos deveria ilustrar os passos da construção material do Brasil, de suas atividades econômicas, compondo imagens de uma civilização que se colocara de pé à custa de muito trabalho – e pelos

Giunta (2005) destaca que o conjunto da obra do pintor passa, em essência, pelo que ela denomina de “migração de imagens”, revelando de um lugar para o outro as faces de homens simples de um país que lança para o mundo em cada um dos doze ciclos apontados. E é nos apoiando nesse mesmo termo que ousamos dizer que existem outros tantos ciclos econômicos não pintados por Portinari e um deles, com certeza, é o ciclo da coleta seletiva. Nela se percebem, da mesma forma, as “imagens migratórias” de homens e mulheres, como os da Reciclo, que extraem dessa prática cooperativada seu sustento material e o esboço para, quem sabe, uma nova e mais solidária maneira de encarar os processos de produção dentro do Capital, na tentativa, ainda, de retratar um país mais justo e não tão desigual. Tudo isso, sem abandonar, até mesmo, as coincidências físicas entre os personagens de Portinari com os da Reciclo, que têm, assim como nas versões pictóricas, braços, mãos, pernas e pés fortes e não destacados pelo expressionismo, mas pelo dia a dia duro da coleta seletiva. Com isso, é possível perceber a migração do status de retirante famélico para o que Magerá (2005, p.31) destaca como “empresários do lixo”.

Ribeiro, Jacobi, Besen et. al. (2009) enfatizam a potencialidade desse tipo de iniciativa na perspectiva da inclusão social, quando feito em rede de atuação, por exemplo, em diálogo com a Universidade. Balbi (2003) confirma que, durante uma conversa entre Vinícius de Moraes e Portinari, o pintor confessou ao poeta que tinha “[...] convicções sociais profundas e que entendia a responsabilidade que tinha com seu ofício de pintor”. Por isso, continua Portinari, mesmo que a seu modo, “[...] pretendia remediar a injustiça social que pairava perante seus olhos e que o acompanhava desde sua

¹⁹ O quadro “O Mestiço” (1934) é outra obra muito importante e que dá detalhes e abertura para a compreensão da pintura social de Portinari.

²⁰ Não podemos deixar de lado que esses “músculos desenvolvidos” foram frutos de homens não livres e sem muitas opções, dadas as relações de poder dentro de uma sociedade desigual e preconceituosa. Não nos enganemos, pois não há romantismo e/ou heroísmo nas interações sociais pintadas por Portinari. O que podemos extrair são imagens que retratam relações sociais nas quais há evidências óbvias das interações históricas de um país, sim, etnicamente classista, como destaca Fabris (1990).

infância". Finaliza o artista afirmando que "[...] qualquer artista ou instituição minimamente consciente de seu papel sente e deve fazer o mesmo". Acerca disso, Dias (2011), em uma entrevista com a Cooperada D, acerca do papel da Universidade Católica na organização da Cooperativa Reciclo, revela que:

Nossa organização, enquanto uma cooperativa, ainda é um pouco precária. Nesses últimos anos estamos aprendendo a gerenciar o nosso próprio negócio, que é a cooperativa. Aqui somos os patrões e os empregados e precisamos trabalhar com união para o bem de todos. É importante cada cooperado saber que, se não trabalhar, não recebe. Se isso não ocorrer, é provável que voltemos para a invasão. Mas nesse meio tempo, a presença dos nossos apoiadores, como a Pastoral Social e a Católica (Universidade) nos ajuda a nos organizarmos melhor e a prestar um melhor serviço à sociedade e para sustentar nossas famílias. Conversar com a universidade é importante, pois lá os professores sabem de coisas que nós não sabemos e, aqui na coleta, nós também sabemos de coisas que eles não sabem e, com isso, cada um com o seu saber, nós podemos um ajudar o outro. Fora isso, as dificuldades são muitas, pois somente temos um caminho para fazer a coleta e a falta de um galpão próprio dificulta muito as coisas. Mas com nossas forças e ajuda dos apoiadores conseguiremos vencer mais esse obstáculo.²¹

Nessa fala, percebemos o protagonismo dos próprios catadores, mas que com o diálogo iniciado há mais de cinco anos com a Universidade, proporcionou uma potencialização dos processos sociais iniciados com a fundação da cooperativa. É dessa forma que o Projeto Catadores, incluído no bojo de Projetos de Extensão da UCB, percebe e atua nos processos de mudanças de realidades indicadas na fala supracitada.²² Uma vez mais, damos destaque às Diretrizes de Extensão da

UCB que preveem na ação extensionista a promoção de um "[...] movimento que otimize o conhecimento como um aspecto dinamizador do seu pensar e agir", possibilitando, ainda, um comprometimento social com vistas à formação pessoal, transformação de realidade e, por fim, a sustentabilidade ambiental. Em suma:

A extensão universitária, considerando o compromisso social como componente transversal do seu projeto pedagógico, compreende a sua função por meio da explicitação de uma política institucional, de um processo de ensino-aprendizagem e de uma ação efetiva na comunidade (EXTENSÃO – UCB 2).²³

Pode-se averiguar, com isso, que a Extensão desempenha uma função dialógica com aquela comunidade no sentido de encontrar saídas para problemas de curto, médio e longo prazo.²⁴ Formação política e gerencial são os motes traçados entre Universidade e Comunidade para uma rotina de otimização dos processos dos cooperados. Tudo isso sem abandonar os ideais cooperativistas e de comum união dentro também da geração de renda – tema de preocupação entre todos os envolvidos, sejam aqueles que atuam na realidade da Reciclo com base no conhecimento científico (acadêmicos), sejam aqueles que atuam naquela realidade com base no conhecimento popular (catadores), sem sobreposição de um sobre o outro.

²¹ Fora o acompanhamento por parte da Universidade, a comunidade tem como parceiras outras entidades, como a Caixa Econômica Federal e a Pastoral Social.

²² Vale ressaltar na fala do cooperado que essa comunidade não é ingênua acerca do papel da Universidade. Ou seja, fica claro e evidenciado que o saber científico e o saber popular estão postos em um plano negocial e horizontalizado, no qual os câmbios precisam ser feitos respeitando e reconhecendo cada especificidade de conhecimento.

²³ Nos anos de 2010 e 2011, eventos conjuntos envolvendo a UCB e a Comunidade Reciclo foram realizados tendo como base a formação política e social da comunidade.

²⁴ Nas questões de curto prazo, a própria coleta seletiva na UCB, que é feita pela Cooperativa Reciclo, é um tópico importante. Aproximadamente, no ano de 2011, somente do material retirado da UCB e convertido em dinheiro, gerou-se um montante para a cooperativa de quase dez mil reais. Nas questões de médio e longo prazo se encontra essencialmente a manutenção gerencial e solidária no processo da comunidade. Questões ligadas à educação, natalidade, saúde, consciência social e política são os nortes para ações concertadas entre UCB e Reciclo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retirante que se torna operário. O morador de rua que se torna catador. A universidade compreendendo seu papel dialógico com a comunidade. A dialética se apresenta na arte, na vida e na academia, proporcionando novas formas de entendimento das realidades e de como a complexidade do mundo pode ser percebida pelas pupilas de um pintor, de um catador ou de um acadêmico. A coleta seletiva não era uma questão em voga na época de Portinari, mas a temática poderia, muito bem, fazer parte dos novos ciclos econômicos do Brasil do século XXI. A cronologia da vida é muito mais complexa que a da arte e, por isso, em uma perspectiva dialética, o retirante de ontem se transforma no catador de hoje que, com a força de seu trabalho, em moldes cooperativos, ocasiona mais um novo ciclo na economia do país.

Na arte, na ciência e na vida existem percursos a serem trilhados. Portinari fez suas escolhas, os catadores da Reciclo, as suas; e a UCB, da mesma forma, também elegeu seus caminhos. O que há de comum em todos eles: o protagonismo humano e a busca por justiça social. Com isso, encaminhamos o fechamento deste ensaio acreditando que não há maneiras estanques e indissociáveis de lançar olhar para um evento social e/ou humano, qualquer que seja ele; e, por isso, concordamos com a perspectiva alçada por Bourdieu (2003), que afirmava os entrelaces possíveis e conectivos entre arte e olhar científico, pois, com o devido nível de abstração, é possível conciliar as duas perspectivas, como foi o caminho percorrido por nós até então com a história dos cooperados da Reciclo retratada à luz de alguns dos mais famosos quadros de Cândido Portinari. A Extensão Universitária aparece nesse meio como um agente de diálogo e conexão entre o mundo científico e o mundo não científico, conectando o pincel de um artista como Portinari, com o mundo de histórias de vida de pessoas reais, com sofrimentos, angústias e esperanças reais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOIT, Guy. Olhares sociológicos, rostos da pobreza e concepções do trabalho social. In: Balsa, Casemiro. BONETI, Lindomar. SOULET, Marc-Henry. **Conceitos**

e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional. Ijuí: Unijui, 2006.

BALBI, Marília. **Portinari: o pintor do Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução Denice Bárbara Catani. São Paulo: UNESP, 2003.

BURSZTYN, Marcel. **No meio da rua:** nômades, excluídos e viradores. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

DIAS, Danilo Borges. **Mas isso parece história de catador.** Reciclo: uma caminhada contada com base nos "causos" vividos. Artigo apresentado no VI Seminário de Extensão Universitária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 15 e 16 de setembro de 2011.

EXTENSÃO – UCB 1. **A construção da cidadania por intermédio do fortalecimento das cooperativas de catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal.** Projeto de Extensão aprovado pela Câmara de Extensão da UCB. Taguatinga, 2011.

EXTENSÃO – UCB 2. **Diretrizes de Extensão.** Taguatinga: Universa, 2009.

FABRIS, Annateresa. **Portinari: pintor social.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

GIUNTA, Andrea. **Candido Portinari y el sentido social del arte.** Buenos Aires. Editora Siglo Veintiuno Editores Argentinos, 2005.

MAGERÁ, Márcio. **Os empresários do lixo:** um paradoxo da modernidade. 2. ed. Campinas: Átomo, 2005.

MELO-FILHO, Benício. **O valor social do lixo em Brasília.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.

PRADO, Carla Fernanda Silva. SANTOS, Aline Machado de Moraes. PINHO, Amanda Ricardo et. al. O protagonismo da liderança feminina na Cooperativa Reciclo: uma análise do contexto da família contemporânea. **Revista Diálogos**, n.12. Universidade Católica de Brasília. V.12. Brasília, 2009.

RIBEIRO, Helena. JACOBI, Pedro. BESEN, Gina Rizpah. et. al. **Coleta seletiva com inclusão social**. Butantã: Annablume e Fapesp, 2009.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. In: FARIA, Doris Santos (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Tâmara Ramos dos. **Reciclo**: caminhos de migração e reciclagem. Trabalho de Conclusão de Curso (vídeo) para obtenção do título de graduado. Orientação de Ivani Câmara Neiva. Curso de Comunicação Social: Universidade Católica de Brasília, Dezembro, 2008.

STROH, Paula Yone. SANTOS, Michela de Araújo. Lixo e cidadania: catadores e cooperativismo. In: STROH, Paula Yone. **Cidade, lixo e cidadania**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2009.